

MAPEAMENTO DAS INICIATIVAS DE ESCRITA EM LÍNGUA MATERNA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: RESULTADOS PRELIMINARES

Ana Valéria Bisetto Bork¹

Charles Bazerman²

Francini Percinoto Poliseli Correa³

Vera Lúcia Lopes Cristovão⁴

Resumo: Este artigo visa apresentar o projeto de pesquisa Iniciativas de Leitura e Escrita na América Latina (ILEES⁵), o qual tem como objetivo realizar um mapeamento das iniciativas de ensino e pesquisa em leitura e escrita no ensino superior. Após a exposição do contexto e objetivos gerais do projeto, a equipe ILEES Brasil apresenta, de forma mais pontual, uma visão geral das iniciativas de escrita desenvolvidas no ensino superior no cenário brasileiro e aborda as tendências que emergiram do questionário *online*. Além da exposição dos dados coletados sobre as iniciativas em língua materna, apontamos questões referentes às universidades participantes, ao campo de atuação dos professores pesquisadores que colaboraram na enquête, aos tipos de iniciativas desenvolvidas, aos autores influentes da área e aos principais periódicos e bases de dados referentes à escrita e leitura no ensino superior. Ao final, tecemos algumas observações sobre os resultados preliminares da pesquisa e sobre os próximos passos a serem realizados.

Palavras-chave: Escrita no ensino superior. Projeto ILEES. Tendências no cenário brasileiro.

Abstract: The purpose of this article is to present the research project Initiatives of Reading and Writing in Higher Education in Latin America (ILEES), which aims to map the teaching initiatives of reading and writing in higher education. After introducing the overall context and objectives of the project, the Brazilian ILEES team presents an overview of the writing initiatives developed in the Brazilian higher education scenario and makes comments on the trends that emerged from the online survey. In addition to that we point out some issues related to the academic field of the participants and their universities, the types of initiatives developed, the influential authors in the area and the main journals and databases concerning reading and writing in higher education. Finally, we draw some conclusions on the preliminary results of this study and on the further steps to be taken.

Keywords: Reading and writing in higher education. ILEES project. Trends in the Brazilian scenario.

Introdução

Os seres humanos sempre sentiram a necessidade de se expressar e interagir com outras pessoas com as quais convivem e, hoje, por conta dos inúmeros recursos virtuais existentes, há a possibilidade de comunicação com qualquer cidadão do mundo não importando a distância entre os interlocutores. Mas nem sempre foi assim: há muito tempo

¹ Professora de língua inglesa da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) - Campus Curitiba e Doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). valeriabbork@hotmail.com.

² Professor do Departamento de Educação da Universidade da Califórnia, Santa Barbara (UCSB). bazerman@education.ucsb.edu.

³ Professora assistente da Faculdade Estadual de Ciências Econômicas de Apucarana (UNESPAR) e Doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). fppcorrea@fecea.br.

⁴ Professora Associada do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. veraluciacristovao@gmail.com.

⁵ Vale ressaltar que nossa participação no Projeto ILEES tem como escopo de pesquisa as questões de leitura e escrita no ensino superior, seja em língua materna ou em língua estrangeira. Como a leitura e a escrita estão intrinsecamente interligadas, não há como separar o efeito que uma exerce sobre a outra. Ao voltar nosso olhar sobre as questões de letramento, principalmente no contexto universitário, corroboramos a fala de Bazerman (2005, p. 8), ao proferir que “[...] a leitura e a escrita nunca acontecem separadamente, mas são parte de um campo compartilhado de uma atividade”. Porém, ao analisarmos os dados coletados por meio do questionário *online*, estes enfatizaram, de forma veemente, as questões de escrita no ensino superior. É por esse motivo que abordamos aqui somente as informações evidenciadas e relatadas pelos respondentes em relação à escrita.

atrás, o homem usava diferentes meios de comunicação para interagir com as pessoas e essa comunicação era realizada por meio de sinais, imagens, desenhos e, posteriormente, pelo uso da linguagem verbal.

Com o objetivo de materializar seus desejos, anseios, pensamentos e sentimentos, o homem criou formas organizadas e elaboradas de conjuntos de símbolos, os quais passaram a ser vistos como registros dos sons da voz humana. Foi assim, então, que a escrita, enquanto sistema gráfico, foi concebida (CAGLIARI, 2004). No entanto, para além da visão de que a linguagem escrita seja uma série de códigos a serem compreendidos por falantes de uma comunidade dentro de um sistema, a linguagem escrita é considerada como um *processo social*, o qual passa a ser construído em função das inúmeras práticas sociais cotidianas a que somos expostos.

A questão da escrita no ensino superior, foco de nossa investigação, faz emergir muitas discussões acerca dessa temática. Dentro do contexto universitário, é possível ouvir queixas de professores afirmando que os alunos apresentam grandes dificuldades na produção de textos acadêmicos. Cientes dessa problemática que se propaga e parece se perpetuar no cenário brasileiro, Vitoria e Christofoli (2013, p. 42) ressaltam que “os fundamentos epistemológicos que norteiam o trabalho docente, as escolhas didático-metodológicas mais indicadas para realizar um trabalho de escrita consistente no Ensino Superior e as concepções que costumam cercar aquilo que se entende por *boa escrita*” devem também ser consideradas.

Além dos elementos elencados pelas pesquisadoras, a questão da escrita não deve focalizar somente questões estruturais socialmente aceitas de *como escrever bem um texto*, mas sim que essas práticas levem o indivíduo a interagir nos diferentes meios sociais a que pertence.

As instituições educacionais apresentam uma variedade de abordagens e cenários específicos, os quais devem levar em conta as diferentes histórias das comunidades acadêmicas. Bazerman et al. (2010, Prefácio) afirmam que “enquanto o interesse na atividade de escrita é algo global, as respostas são locais⁶”. Daí a relevância de projetos de pesquisa que busquem compreender o estado atual da área nas diferentes realidades, levando em consideração as estruturas, as ideologias e as políticas que regem e fundamentam os cursos universitários de cada país.

Cientes dessa diversidade de contextos, nosso artigo objetiva descrever o Projeto Iniciativas de Leitura e Escrita no Ensino Superior (ILEES) e relatar os resultados de pesquisa referentes à escrita em língua materna no ensino superior no Brasil. Porém, antes de passarmos para a descrição e apresentação de uma análise preliminar dos dados coletados até o presente momento, alguns fatos sobre o cenário educacional brasileiro alusivos a educação de ensino superior serão abordados.

1 Panorama do Ensino Superior no Brasil

De acordo com o Ministério da Educação (MEC), o sistema educacional brasileiro possui atualmente 2.377 instituições de ensino superior, nas quais 85% são faculdades, 8% são universidades, 5.3% são centros tecnológicos e 1.6% são institutos de tecnologia. Em termos de instituições públicas, as universidades federais e estaduais estão espalhadas por todo o Brasil, sendo que 32 delas situam-se no nordeste, 27 localizam-se no sudeste e 20 no sul do país. Entretanto, se levarmos em consideração o número de estados de cada uma das cinco regiões brasileiras, a grande maioria das instituições públicas está localizada no sudeste, seguidas das

⁶ “While the interest and activity in writing is global, the responses are local”. (Tradução nossa). Esta afirmação encontra-se no Prefácio da obra *Traditions of Writing Research* (2010).

regiões sul e nordeste. Como resultado, as dez (10) instituições de maior prestígio⁷ estão no estado de São Paulo, enquanto que as demais se situam nas regiões norte e central do Brasil.

Com relação ao número de alunos no ensino superior, os dados do MEC revelam que na última década a quantidade de alunos matriculados em universidades públicas e particulares mais que dobrou. No ano 2000, o país tinha em torno de 3 milhões de alunos universitários e no ano de 2010, o número atingido foi de um total de 6.5 milhões de estudantes. Mais recentemente, segundo dados do Censo da Educação Superior⁸ divulgados pelo MEC em 2013, o total de alunos matriculados na educação superior brasileira ultrapassou a marca de 7 milhões em 2012, números que representam um aumento de 4,4% no período 2011–2012. Os 7.037.688 de alunos matriculados em cursos de graduação no Brasil estão distribuídos em 31.866 cursos, oferecidos por 2.416 instituições — 304 públicas e 2.112 particulares. O total de estudantes que ingressaram no ensino superior em 2012 chegou a 2.747.089, mas o número de concluintes foi de apenas 1.050.413.

As universidades são responsáveis por mais de 54% das matrículas, enquanto as faculdades concentram 28,9%, os centros universitários em torno de 15,4% e as instituições federais de educação tecnológica ficam somente com 1,6%. O Censo também chamou a atenção para a baixa procura nos cursos de licenciatura ofertados pelas instituições de ensino: enquanto nos cursos de bacharelado houve um aumento de 4,6%, os de licenciatura obtiveram apenas 0,8%.

Levando em conta o contexto acima descrito, podemos pensar que esses números são bastante significativos. Porém, se considerarmos a extensão territorial de nosso país, é possível dizer que o número de estudantes brasileiros que frequentam nossas universidades ainda é pequeno e que algumas regiões do Brasil realmente carecem de atenção, passando por sérios problemas, como os de infraestrutura, por exemplo. Com um investimento de apenas 5.3% de sua arrecadação (Produto Interno Bruto - PIB) para a educação, média aproximadamente três vezes menor do que acontece em que alguns países europeus ou nos Estados Unidos, chegamos à conclusão que nosso país ainda está muito aquém se comparado a outras realidades mundiais.

2 A expressão escrita em Língua Portuguesa

Nossas reflexões sobre o ensino de leitura e escrita em língua portuguesa no Brasil fazem emergir alguns marcos nessa história. Nesse escopo, muitos trabalhos foram realizados a fim de investigar tais questões, como os estudos de Angelo (2005), Cordeiro (2006), Baumgärtner (2009), entre outros. Não poderíamos deixar de mencionar obras⁹ que marcaram o ensino de língua portuguesa no fim do século XX e início do XXI, como Geraldi (1991), Possenti (1996), Kleiman (1997, 2004), Travaglia (1996), Koch (1997) e Marcuschi (2001).

Em relação ao ensino superior, a publicação de Motta-Roth (2001) e os números da coleção “Leitura e produção de textos técnicos e acadêmicos”, de Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004a; 2004b; 2005; 2007), caracterizam-se como programas de leitura e produção de textos da esfera acadêmica. Mais recentemente, Motta-Roth e Hendges (2010) apresentaram uma nova versão do material relativo à leitura e redação acadêmica iniciado no Laboratório de Leitura e Redação da Universidade Federal de Santa Maria (UFMS). Tais produções representam contribuições relevantes para o meio universitário e são objetos importantes de nossa reflexão sobre iniciativas de leitura e escrita no ensino superior.

⁷ A avaliação das universidades brasileiras acontece por meio da análise de cinco itens principais: pesquisa, inovação, internacionalização, educação e mercado de trabalho. Para uma lista completa das instituições públicas e particulares com relação à posição que elas ocupam no cenário nacional, acessar <http://ruf.folha.uol.com.br/2012/ensinosuperiornobrasil/>. Para outras informações, acessar o portal do MEC no endereço eletrônico <http://portal.mec.gov.br/index.php>.

⁸ Para verificar esse e outros dados, acessar <http://portal.inep.gov.br/web/censo-da-educacao-superior>.

⁹ Alguns desses pesquisadores não tratam da questão da escrita e leitura no ensino superior, mas devido às suas valiosas contribuições para o ensino/aprendizagem da LM, a repercussão de seus estudos fundamentam o cenário de discussões realizadas no ensino superior.

Tendo em vista nosso nicho de pesquisa, gostaríamos de apresentar uma breve perspectiva de trabalhos que têm sido realizados com relação às questões de ensino de escrita em língua materna no ensino superior.

Menegassi (2006) relata uma das fases do projeto *A escrita e o professor: interações no ensino e aprendizagem de línguas*, o qual investiga as relações dos discentes com a escrita durante o processo de graduação em um curso de Letras de uma instituição pública paranaense. No artigo, o autor apresenta as características da interação dos alunos com a escrita e discute os relatos e as análises dos textos produzidos no primeiro ano do curso, tendo como foco principal as questões de escrita, interação, metacognição e a concepção de escrita como trabalho.

Carvalho, Silva e Moraes (2006) investigam textos de auto-avaliações de graduandos de um curso de Letras e de um curso normal superior de uma faculdade do interior de Minas Gerais com o objetivo de descrever os modos de textualização usados pelos alunos. Os resultados demonstram que os graduandos mobilizaram diferentes tipos de discursos interpretados como estratégias tanto para apresentar informações objetivas quanto para buscar aprovação do professor e sua anuência em relação à avaliação realizada.

Em Conceição (2009), no ano de 2001, são estudados 75 textos produzidos no Exame Nacional de Cursos por graduandos em Letras do Mato Grosso do Sul. O objetivo do estudo era analisar as concepções de letramento e a relação entre a fala e a escrita desse graduandos por meio da análise dos textos escritos por eles na prova. Como conclusões, a autora indica uma visão dicotômica entre as modalidades oral e escrita por parte dos sujeitos chamando a atenção para o estatuto oral na aula de língua portuguesa e à exigência do uso da língua padrão como meio de expressão.

O estudo de Gonçalves (2010) procura averiguar os possíveis benefícios do uso da sequência didática e da lista de constatações para o ensino de língua portuguesa. Ao levar em conta as capacidades de ação, discursivas e linguístico-discursivas de uma produção escrita do gênero *resumo acadêmico* e as interações ocorridas durante as intervenções escritas, o autor conclui que tais ferramentas constituem-se em instrumentos didáticos valiosos para as práticas de linguagem (re)configuradas em gêneros textuais.

O texto de Leitão (2012) tem como contexto de pesquisa um curso de Letras de uma universidade da Bahia, o qual aborda, mais particularmente, o processo de produção e reescrita dos itens Problemas e Hipóteses de Pesquisa, revelando o fator *interação* como item fundamental no processo de reescrita textual.

Souza e Basetto (2014) tomam como bases teóricas os conceitos de letramento e de gêneros textuais e apresentam uma pesquisa qualitativa sobre os processos de apropriação de gêneros acadêmicos (escritos) por alunos de Letras. Nela, as autoras objetivam analisar como as experiências de leitura e produção de textos dos discentes de um curso de Letras da região sudeste do Brasil podem contribuir para a inserção desses alunos na comunidade acadêmica e para sua formação como futuros professores pesquisadores.

A pesquisa de Silva, Santos e Mendes (2014) examina o processo de reescrita de relatórios produzidos por alunos-professores. Essa reescrita foi orientada pelos comentários do formador que abordava tanto questões relativas ao conteúdo trabalhado na disciplina de estágio e a reflexão sobre a prática docente, como questões acerca da escrita acadêmica. Em suas conclusões, os autores enfatizam a importância da pesquisa e de sua disseminação para uma formação de qualidade, comprometida com a atuação na educação básica.

Bragagnollo e Menegassi (2014) relatam resultados positivos de uma experiência no ensino do gênero *resumo acadêmico* com professores na formação docente inicial, no qual o processo de escrita, revisão e reescrita foi mediado por *e.mail* com o uso de uma ferramenta de revisão do programa *Office Word 2007*. Segundo os autores, a utilização desse instrumento, como meio de assistência e de ação colaborativa entre professor e aluno no

processo de produção escrita, propiciou a reflexão sobre as ações dos futuros professores como autores e sujeitos dos textos que constroem.

O foco em um mapeamento de trabalhos de pesquisa relativos à temática supracitada é objeto de outro trabalho que se encontra em andamento pelos pesquisadores da equipe ILEES Brasil. Assim, justificamos que a breve exposição das pesquisas arroladas buscou ressaltar a relevância e a variedade dos estudos envolvendo o ensino de expressão escrita em língua portuguesa no ensino superior.

3 Procedimentos metodológicos

Nesta seção, apresentamos uma descrição do Projeto ILEES, seguido de uma explicação sobre as partes que compõem o questionário *online*, o qual foi utilizado pelos respondentes para postar suas informações. Em seguida, analisamos os dados coletados e, por fim, relatamos os passos futuros de nossa pesquisa.

3.1 O Projeto ILEES

O Projeto Iniciativas de Leitura e Escrita no Ensino Superior (ILEES) na América Latina foi concebido com o objetivo de mapear as tendências pedagógicas e de pesquisa sobre o que vem acontecendo na área de leitura e escrita nos últimos anos. Além do Brasil, o projeto conta com a participação de pesquisadores da Argentina, Chile, Colômbia, México, Porto Rico e Venezuela. Esta atividade investigativa é liderada pelo Professor Charles Bazerman, da Universidade de Santa Bárbara (UCSB), na Califórnia, o qual conta com a cooperação¹⁰ de professores e alunos de doutorado dos países supracitados.

O projeto inicial da coleta de dados, a elaboração das questões de pesquisa em língua espanhola e a implementação da enquête *online* foram realizadas por meio da colaboração de duas pesquisadoras da América do Sul, Natalia Ávila Reyes, representante do Chile, e Elizabeth Narváez Cardona, da Colômbia, além da participação do professor Charles Bazerman, responsável pelo projeto como um todo. As questões da enquête *online*, um dos instrumentos elaborados para a coleta de dados, foram traduzidas para o português pela equipe brasileira. Vale a pena ressaltar que o questionário *online* utilizado no Brasil versou sobre as mesmas perguntas, estrutura dos dados e sistema de coleta de dados, de modo que, em outros estudos, os dados brasileiros possam ser integrados e comparados com as informações dos outros países latino-americanos participantes da pesquisa.

Além de abordar questões relacionadas às iniciativas de pesquisas na área de leitura e escrita, o estudo busca identificar os usos da escrita nas universidades nos diferentes países, assim como conhecer os desafios enfrentados pelos alunos e pelos programas de ensino. Essas iniciativas podem também ajudar os pesquisadores a refletir sobre as configurações emergentes no campo da escrita e a compreender melhor as questões pedagógicas e metodológicas enfrentadas pelas regiões participantes.

Enfatizamos que, desde o início da enquête no Brasil, nossa prioridade foi de convidar pesquisadores ligados à área de Linguística Aplicada. A realização do nosso primeiro contato se deu por meio de uma carta-convite *online*, com a apresentação e objetivos do projeto, enviada para sessenta (60) professores brasileiros (30 de língua materna e 30 de língua inglesa¹¹) que atuam no ensino das línguas portuguesa e inglesa, os quais desenvolvem

¹⁰ A equipe brasileira tem como líder a professora Dr^a Vera Lúcia Lopes Cristovão (UEL/CNPq) e as alunas Ana Valéria Bisetto Bork (UTFPR/UEL) e Francini Percinoto Polisel Corrêa (UNESPAR/UEL), doutorandas do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Com relação às pesquisadoras latino-americanas envolvidas no projeto, temos a participação de Natalia Ávila Reyes (Chile) e Elizabeth Narváez Cardona (Colômbia).

¹¹ O número base determinado de 30 cartas-convite foi o mesmo para todos os países participantes do projeto.

pesquisas nas respectivas áreas. Os convites foram enviados para professores de universidades públicas, contemplando vinte e dois (22) estados da federação.

A coleta de dados aconteceu em dois momentos distintos. Na primeira etapa, os respondentes que trabalham com o ensino de língua materna (LM) e língua inglesa (LI) relataram suas informações em um questionário *online*, o qual objetivou conhecer o estado atual da área e dar conta das redes existentes nos países participantes. Já a segunda etapa, ainda a ser realizada pelos pesquisadores brasileiros, acontecerá por meio de entrevistas com os professores pesquisadores mais citados no questionário e, por conseguinte, as pessoas mais influentes na área.

Apesar da equipe brasileira ter coletado e analisado dados referentes ao ensino de leitura e escrita em LM e LI, o presente artigo tem como escopo somente as informações fornecidas pelos linguístas que trabalham com o ensino de língua materna no ensino superior. O texto apresenta um panorama geral sobre as tendências que emergiram da enquete *online* e relata os resultados preliminares da pesquisa, a qual se encontra em andamento. Vejamos, a seguir, uma descrição do questionário *online*, em que as respostas dos participantes foram postadas e armazenadas.

3.2 Questionário *online*

Os dados de pesquisa foram coletados por meio de um questionário *online*, respondido por docentes¹² de diferentes universidades brasileiras e com atuação reconhecida na temática pesquisada. A lista de professores convidados foi referendada por alguns pesquisadores pertencentes a diferentes associações, como a Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB). Para tanto, entre os meses de abril e maio de 2013, foram enviadas cartas-convites para as cinco (5) regiões do Brasil. Esta ferramenta de coleta, composta por questões de múltipla-escolha e questões abertas, dividia-se em quatro partes. As perguntas apresentaram uma variedade de descrições, desde as formas pelas quais a escrita é ensinada nas instituições públicas até elencar as tendências metodológicas desenvolvidas pelos participantes em suas práticas pedagógicas. O primeiro conjunto de perguntas teve como escopo as informações pessoais dos participantes, como nome do respondente, sua área de atuação, local de trabalho e país de origem. Em um segundo momento, as perguntas versaram sobre suas experiências de ensino com a leitura e escrita e sobre a descrição de iniciativas desenvolvidas nas universidades em que estão lotados, além de outras das quais eles poderiam ter conhecimento, dentro ou fora da instituição em que atuam. A terceira parte do questionário se referiu às informações relacionadas aos projetos de pesquisa dos respondentes, aos autores que influenciaram seus trabalhos, às suas publicações em periódicos ou *sites*, participações em eventos, além da menção de *websites* e bases de dados mais utilizados para pesquisa na área. A parte final da enquete *online* solicitava que os participantes mencionassem nomes de outros profissionais ou instituições que possivelmente tivessem interesse em participar da pesquisa, além de um espaço para deixarem seus contatos eletrônicos para os encaminhamentos futuros do projeto. A estratégia utilizada na parte final do questionário, denominada de bola de neve (*snowball method*), se tornou um elemento chave, pois foi também por meio dessas indicações que conseguimos informações adicionais para nossa pesquisa.

Devido ao número reduzido de participantes brasileiros que preencheram o questionário, após o envio e reenvio da carta-convite, outros meios foram pensados para contactar possíveis respondentes. Decidimos, então, consultar cadernos de resumos de eventos

¹²Após o preenchimento do questionário *online* disponibilizado no endereço eletrônico <https://ask.survey.ucsb.edu/index.php/survey/index/sid/745432/lang/pt-BR>, cada um dos respondentes recebeu um número de identificação (ID), facilitando, assim, a coleta e análise dos dados.

relevantes no Brasil que reúnem professores e pesquisadores da área de Leitura e Escrita, como o Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais (SIGET). Além disso, buscamos informações sobre o corpo docente dos cursos de Letras de várias universidades públicas brasileiras e checamos, também, o currículo Lattes de diversos professores com o intuito de identificar possíveis pesquisadores na área. Assim, em agosto de 2013, o número de cartas-convites foi ampliado e chegamos a um total de quarenta e um (41) convites para professores de LM e setenta (70) para professores de LI.

3.2.1 Apresentação e discussão dos dados

A equipe brasileira começou o processo de análise de dados a partir de agosto de 2013. Como tivemos um grande volume de informações postadas na plataforma virtual, todos os dados relatados pelos respondentes de língua materna foram analisados e divididos nas seguintes categorias: universidades, unidades acadêmicas, tipos de iniciativas, autores influentes, periódicos para publicação de suas pesquisas e *websites* (fontes virtuais e base de dados consultados pelos respondentes).

Nosso estudo, de cunho qualitativo/quantitativo, teve um número total de trinta e sete (37) respondentes, em que vinte e quatro (24) dos participantes são professores e/ou pesquisadores que atuam na área de leitura e escrita em língua materna. O quadro abaixo ilustra as instituições educacionais brasileiras participantes da pesquisa em LM e o número de participantes referentes a cada uma delas.

Quadro 1 – Universidades participantes

Estado	Universidade	Nº de participantes
RS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)	01
	Universidade de Passo Fundo (UPF)	01
	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	01
SC	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	03
PR	Universidade Estadual de Londrina (UEL)	01
	Universidade Estadual de Maringá (UEM)	01
	Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)	01
	Universidade Federal do Paraná (UFPR)	01
SP	Universidade de Campinas (UNICAMP)	01
	Universidade de São Paulo (USP)	01
RJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	01
MS	Universidade Federal Grande Dourados (UFGD)	01
MG	Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)	01
PB	Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	02
PE	Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)	02
CE	Universidade Federal do Ceará (UFCE)	01
RN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	01
PA	Universidade Federal do Pará (UFPA)	01
	Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)	01
AC	Universidade Federal do Acre (UFAC)	01
13 Estados	20 Universidades participantes	24

Fonte: Equipe ILEES Brasil (2013)

De todas as universidades participantes somente uma (1) delas pertence ao setor privado: a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), localizada no sul do Brasil. As demais instituições são universidades públicas estaduais ou federais. A explicação para tal fato é que, no momento do envio das cartas-convites para os participantes que trabalham com o ensino de LM,

houve, por parte da equipe ILEES Brasil, a priorização de nomes de professores pesquisadores que atuam no setor público universitário e/ou que sejam representativos na pesquisa com leitura e/ou escrita. Consequentemente, o número de respondentes que contribuíram em nossa pesquisa pertence majoritariamente a universidades públicas brasileiras que têm tradição de incentivo à pesquisa. Ademais, o *site* da enquête se encontra em aberto, possibilitando participação de respondentes que atuam no setor privado.

Os pesquisadores que responderam o questionário são linguístas aplicados que pertencem a diferentes unidades acadêmicas. A maioria deles trabalha eminentemente em programas de graduação que têm como foco principal os cursos de Licenciatura em Letras (Português ou Português/Inglês). Outros participantes mencionaram que atuam em diferentes áreas e citaram os setores da Educação, Línguas, Artes, Humanidades e Ciências Sociais, seguida da área de Comunicação.

Com respeito às iniciativas de projetos em leitura e escrita nos cursos superiores, vinte e uma (21) delas foram relatadas por nossos respondentes. A maioria das iniciativas descritas é de universidades que se encontram no sul e no nordeste do Brasil. Com o intuito de analisar as respostas abertas dos participantes e de agrupar as possíveis orientações disciplinares dos diferentes países, um quadro foi criado para categorizar e listar os tipos de iniciativas existentes. Assim, ao preencherem o questionário *online*, nossos respondentes tinham onze (11) opções de configurações curriculares que melhor poderiam descrever as iniciativas em suas universidades. Com o objetivo de observar a lista de configurações e ter uma ideia dos resultados, o quadro abaixo mostra o número de ocorrências relacionadas aos tipos de iniciativas descritas.

Quadro 2 – Tipos de iniciativas nas universidades brasileiras

Tipos de iniciativas	Nº de ocorrências
1. Cursos de escrita para alunos do primeiro ano	4
2. Cursos de escrita para alunos depois do primeiro ano	3
3. Cursos no currículo das disciplinas	3
4. Cursos ou oficinas na pós-graduação	1
5. Oficinas para professores universitários	-
6. Tutorias (de pares ou de assistentes)	-
7. Centros de escrita ¹³	2
8. Cursos ou oficinas para a comunidade externa	1
9. Programas articulados que incluem uma ou mais dessas iniciativas	2
10. Quaisquer das experiências de escrita já mencionadas, porém em outras línguas	2
11. Outros	3
Total de iniciativas	21

Fonte: Equipe ILEES Brasil (2013)

De acordo com nossos participantes, o ensino de leitura e escrita na educação superior realiza-se de acordo com as três primeiras opções, ou seja, nos cursos de escrita para alunos de graduação que estão no primeiro ano, nos cursos de escrita para alunos de graduação que já tenham realizado o primeiro ano do curso e, em terceiro lugar, no currículo das disciplinas.

O quadro também parece evidenciar que no Brasil não há centros especializados em escrita. Porém, dois (2) respondentes mencionaram a existência de duas (2) universidades que

¹³ Somente um respondente de LM citou um centro de escrita. Porém, ao levarmos em consideração a participação de outro respondente que atua no ensino de LI, este também mencionou outro centro de escrita em LM. Temos, portanto, dois (2) centros de escrita em LM relatados em nossa pesquisa.

desenvolvem projetos de escrita em LM: uma delas é a Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), no Paraná, cuja disciplina é denominada de Laboratório de Leitura; a outra iniciativa, chamada de Formação de Escritores, é desenvolvida pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ), no estado do Rio de Janeiro. Apesar da menção das iniciativas supracitadas, há a necessidade de futuras pesquisas para que possamos verificar a possível existência de outros centros de escrita acadêmica nas universidades brasileiras.

Em resposta aos autores que mais influenciam o trabalho com a leitura e a escrita de nossos respondentes, houve uma lista de inúmeros nomes de autores brasileiros e estrangeiros, a qual pode ser visualizada no quadro abaixo.

Quadro 3 – Autores influentes na área de leitura e escrita.

Autores influentes (brasileiros e estrangeiros)	Nº de menções
Charles Bazerman	5
Désirée Motta-Roth	5
Angela Kleiman	5
Joaquim Dolz	4
Jean Paul Bronckart	3
Bernard Schneuwly	3
Ingedore Koch	3
Anna Rachel Machado	3
Luiz Antônio Marcuschi	2
John Swales	2
Brian Street	2
Mikhail Bakhtin	2
José Luiz Fiorin	2
João Wanderley Geraldi	2
Outros (26 nomes mencionados apenas 1 vez)	1

Fonte: Equipe ILEES Brasil (2013)

A menção de nomes de autores estrangeiros é considerada igualmente relevante em relação aos nomes de autores brasileiros, pois, ao serem mundialmente conhecidos, eles também influenciam nosso contexto educacional, fundamentando, de certa forma, pesquisas realizadas por pesquisadores brasileiros. Há de se enfatizar, também, independentemente das diversas perspectivas teórico-metodológicas adotadas, o grande trânsito que pesquisadores brasileiros têm com o cenário internacional. Sem nenhuma referência ou identificação de publicações específicas, os nomes dos pesquisadores internacionalmente renomados e mais citados foram os do professor Charles Bazerman, do Departamento de Educação da Universidade da Califórnia, em Santa Barbara (UCSB), e de Joaquim Dolz e Jean-Paul Bronckart, ambos da Universidade de Genebra.

Com relação aos autores brasileiros considerados influentes e relatados no questionário, as professoras e pesquisadoras Désirée Motta-Roth, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), e Angela B. Kleiman, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), foram mencionadas cinco (5) vezes. Outros nomes também foram citados, como os das pesquisadoras Ingedore G. V. Koch (IEL/UNICAMP) e Anna Rachel Machado, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Os nomes dos linguistas Luiz Antonio Marcuschi, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), José Luiz Fiorin, da Universidade de São Paulo (USP), e João Wanderley Geraldi (UNICAMP) também foram lembrados na enquête.

Um fato que chamou nossa atenção foi o grande número de menções de outros autores nacionais e internacionais citados somente uma vez pelos participantes de LM, perfazendo um

total de vinte e quatro (24) nomes. Por conta desse grande número de diferentes pesquisadores mencionados, é possível dizer que no Brasil não há uma unanimidade em termos do uso de teorias, pois pelo relato dos participantes, a diversidade de perspectivas teórico-metodológicas denota construtos teóricos diversos. Assim, é possível inferir que muitas das contribuições utilizadas em suas práticas pedagógicas advêm da Linguística Textual, da Linguística Sistêmico-funcional, da Nova Retórica, do Interacionismo Sociodiscursivo, da Análise Crítica de Gêneros, da Psicolinguística e do Inglês para Fins Específicos (ESP), sendo essas, portanto, as linhas de pesquisa que apresentam grande influência nos trabalhos sobre leitura e escrita desenvolvidos por professores e pesquisadores brasileiros no ensino superior.

Outro ponto que merece destaque foi a grande participação de pesquisadores brasileiros que atuam nas regiões sul, sudeste e nordeste do Brasil. É possível dizer que isso se deve principalmente porque a maioria das universidades públicas está localizada nestas regiões. Vale a pena mencionar que no Brasil, diferentemente de outros países, é justamente nas instituições públicas de ensino que a maioria das pesquisas são realizadas, pois os professores pesquisadores recebem mais incentivo e maiores investimentos. Esses advêm tanto da própria Instituição de Ensino Superior (IES) com a atribuição de carga horária para pesquisa quanto por meio da concessão de bolsas de produtividade de pesquisa e da participação em editais de fomento à pesquisa abertos ao setor público e privado. Os diferentes órgãos e agências de fomento¹⁴ são responsáveis por fornecer suporte para projetos de pesquisa, organização de eventos, qualificação docente, além de estimular a divulgação nacional e internacional de trabalhos realizados no âmbito da pesquisa por docentes, técnico-administrativos e estudantes das universidades brasileiras.

Quando indagados sobre os periódicos utilizados tanto como fonte de consulta quanto locais de publicação de resultados de suas pesquisas, nossos respondentes citaram uma variedade de nomes. A maioria das fontes mencionadas está ligada às áreas de Linguística Aplicada e ao ensino e aprendizagem de línguas (materna ou estrangeira). Uma tendência que parece ser comum aos pesquisadores brasileiros é a publicação de artigos e resenhas em periódicos nacionais que possuem uma boa avaliação da CAPES (Qualis A1, A2, B1, B2), em termos da divulgação da produção intelectual em nosso país.

Observemos, a seguir, o Quadro 4 que ilustra os periódicos nacionais e internacionais mais citados na enquete.

Quadro 4 – Periódicos

Periódicos mais citados	Nº de menções
Revista Brasileira de Linguística Aplicada (RBLA)	4
Linguagem em (Dis)curso	4
Signum	4
Leitura: Teoria & Prática	3
Calidoscópico	2
Linguagem e Ensino	2
Trabalhos em Linguística Aplicada	1
Revista DELTA	1
Revista ALED	1
Discurso y Sociedad	1
Outros	11

Fonte: Equipe ILEES Brasil (2013)

¹⁴ Para visualizar os principais órgãos e agências de fomento em nosso país, acessar o endereço eletrônico <https://sites.google.com/site/pesquisaref/orgaos-e-agencias-de-fomento>.

Como é possível observar, os periódicos nacionais mais citados foram a Revista Brasileira de Linguística Aplicada, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Linguagem em (Dis)curso, da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) e a revista Signum, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), seguidas de outros periódicos de renome nacional e igualmente relevantes para a área das linguagens. Muitos deles são publicações semestrais responsáveis por disseminar pesquisas empíricas e teóricas originais, as quais são editadas pelos Programas de Pós-graduação das universidades brasileiras, em que artigos, resenhas e entrevistas são publicadas na área. As publicações geralmente aceitam textos em português e em outras línguas estrangeiras e são abertas a colaboradores do Brasil e do exterior que estejam interessados em temas alusivos ao ensino e aprendizagem de língua materna e estrangeira, formação de professores, análise linguística, ao campo textual-discursivo, entre outros.

Na opção dedicada para a inclusão de outros periódicos, houve um total de onze (11) citações mencionados apenas uma vez. Acreditamos que isso se deve ao fato de que no Brasil há muitas possibilidades de publicações de trabalhos e de pesquisas acadêmicas na área, pois o número de periódicos existentes é bastante grande. Outra questão observada em nossa pesquisa é que tanto os autores influentes quanto os periódicos citados, na sua maioria, pertencem às universidades localizadas nas regiões sul, sudeste e nordeste do país. Talvez a explicação para isso seja a localização em que a maioria das universidades públicas estão inseridas.

Com respeito às bases de dados consultadas que auxiliam suas práticas docentes, nossos respondentes não contribuíram de forma satisfatória. Aos considerarmos suas poucas respostas, somente o Portal da Capes foi citado algumas vezes como fonte de pesquisa mais utilizada.

Após a análise dos dados referentes aos respondentes de LM, é possível afirmar que a participação desses professores pesquisadores, em termos de percentual total, foi satisfatória, pois das quarenta e uma (41) cartas-convite enviadas, vinte e quatro (24) pessoas colaboraram com dados diversos, perfazendo um total de 58.54% de informações para nossa pesquisa. No entanto, considerando o envio de convites aos professores pesquisadores das instituições brasileiras localizadas nas cinco regiões do país e das cartas-convite encaminhadas por meio da metodologia *snowball*, julgamos que a participação, em termos de número de representatividade, poderia ter sido maior.

Encaminhamentos futuros

A próxima etapa de nossa pesquisa tem como meta entrevistar os autores brasileiros mais citados pelos respondentes. Essas entrevistas terão como objetivo confirmar as informações coletadas pela enquête, além de identificar as orientações subjacentes e os princípios norteadores que regem as iniciativas de leitura e escrita no Brasil.

Posteriormente, temos a intenção de identificar, também, os programas de parcerias existentes no meio acadêmico e as possíveis redes de contato entre as universidades brasileiras com as instituições latino-americanas. Além disso, por meio da página virtual do Projeto ILEES (<http://www.ilees.org/>), será possível visualizar todas as iniciativas já realizadas nos diferentes países participantes e oportunizar que outros professores pesquisadores possam colaborar com a pesquisa, adicionando projetos e informações similares àquelas relatadas no Projeto ILEES.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso artigo procurou apresentar uma visão geral sobre as instituições de ensino superior que desenvolvem pesquisas relacionadas ao ensino de escrita no Brasil. Além do relato de pesquisas na área, os pesquisadores brasileiros forneceram outras informações relevantes que enriqueceram nosso trabalho, trazendo, assim, uma variedade de perspectivas e realidades diversas que contemplam as práticas de escrita no ensino superior.

À luz dos resultados obtidos nessa primeira etapa, podemos dizer que esta pesquisa pode ser considerada como parte de um panorama inicial sobre a situação atual do ensino de escrita no Brasil. Porém, ainda há muito a ser feito e futuras ações são necessárias para que possamos perceber a evolução dessas iniciativas. Entendemos que há a necessidade de uma inovação e reconfiguração das grades curriculares brasileiras para que se abram mais espaços para a leitura e escrita acadêmica nas instituições de educação superior em nosso país.

Esperamos que esse mapeamento sobre as iniciativas brasileiras no campo da escrita no ensino superior possa ser uma contribuição significativa para futuras discussões sobre como se realiza a questão da escrita na educação superior no Brasil e na América Latina, bem como desencadear ações que venham aprimorar tais práticas nos contextos investigados.

REFERÊNCIAS

- ANGELO, G. L. *Revisitando o ensino tradicional de língua portuguesa*. Graziela Lucci de Angelo. Campinas, SP: [s.n.], 2005. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2005.
- BAZERMAN, C. et al. *Reference guide to writing across the curriculum*. Parlor Press and the WAC Clearinghouse, 2005. Disponível em: http://wac.colostate.edu/books/bazerman_wac/wac.pdf. Acesso em: 15 out. 2013.
- _____. *Traditions of writing research*. New York and London: Routledge, 2010.
- BAUMGÄRTNER, C. T. *Aspectos constitutivos da história do ensino de língua portuguesa no Oeste do Paraná (1960-1979)*. 2009. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009, 550f.:il.
- BRAGAGNOLLO, R. M.; MENEGASSI, J. R. Resumo acadêmico: uma experiência mediativa com o gênero na formação docente inicial. *Acta Scientiarum. Language and Culture*. Maringá, v. 36, n. 2, Apr.-June, 2014, p. 217-226.
- CAGLIARI, L. C. *Alfabetização sem o bá-bé-bi-bó-bu*. São Paulo, Scipione: 2004.
- CARVALHO, R. S.; SILVA, W. R.; MORAES, E. Auto-avaliações por graduandos. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Gêneros catalisadores: letramento e formação do professor*. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2006, p. 41-52.
- CONCEIÇÃO, R. I. S. Concepções de letramento e a relação entre a fala e a escrita na visão de professores de língua portuguesa em formação. In: GONÇALVES, A. V.; BANZARIM, M. (Org.). *Interação, gêneros e letramento: a (re)escrita em foco*. 1ª ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2009, v. 1, p. 93-102.
- CORDEIRO, L. *Concepção de educação, formação de professores e ensino da língua portuguesa: história e memória nos anos 50 e 60 do século XX*. Dissertação. Mestrado em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2006, 130f.:il.
- GERALDI, J. W. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- GONÇALVES, A. V. Gêneros textuais e reescrita: uma proposta de intervenção para o ensino de língua materna. *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, SC, v. 10, n. 1, , jan./abr. 2010, p. 13-42.
- KLEIMAN, A. B. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas, SP: Pontes Editores, 1997.
- _____. *Oficina de leitura*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2004.

- KOCH, I. G. V. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1997.
- LEITÃO, P. D. V. A apreensão do gênero textual projeto de pesquisa: (re)construindo problemas e hipóteses. In: PEREIRA, R, C. M. (Org.). *Nas trilhas do ISD: práticas de ensino-aprendizagem da escrita*. Coleção Novas Perspectivas em Linguística Aplicada, v. 17. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012, p. 229-258.
- MACHADO, A. R.; LOUSADA, E. G.; ABREU-TARDELLI, L. S. *Resumo*. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004a.
- _____. *Resenha*. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004b.
- _____. *Planejar gêneros acadêmicos*. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005a.
- _____. *Trabalhos de pesquisa: diários de leitura para a revisão bibliográfica*. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Editora Cortez, 2001.
- MENEGASSI, R. J. Interação, escrita e metacoscicência na formação inicial de professores. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, n. 9/2, dez. 2006, p. 151-168.
- MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Redação acadêmica: princípios básicos*. 1ª ed. Santa Maria: Imprensa Universitária, 2001.
- _____; HENDGES, G. R. *Produção textual na universidade*. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- POSSENTI, S. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Mercado de Letras, 1996.
- SILVA, W. R.; SANTOS, J.; MENDES, A. S. Investigação científica na docência universitária: reescrita como uma atividade sustentável na licenciatura. *Raído* (online), v. 8, 2014, p. 71-93.
- SOUZA, M. G.; BASSETTO, L. M. T. Os processos de apropriação de gêneros acadêmicos (escritos) por graduandos em Letras e as possíveis implicações para a formação de professores/pesquisadores. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 14, n. 1, Belo Horizonte: MG: Faculdade de Letras da UFMG, 2014, p. 83-110.
- TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 1996.
- VITORIA, M. I. C.; CHRISTOFOLI, M. C. P. A escrita no Ensino Superior. *Educação*. Santa Maria, v. 38, n. 1, jan./abr. 2013, p. 41-54. Disponível em <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-.2.2/index.php/reeducacao/article/viewFile/5865/4529>> Acesso em: 16 maio 2014.